

O Cliente

O cliente é proveniente de todas as classes sociais. O local onde procura a mulher é diferenciado. Varia consoante o seu poder de compra. Por exemplo numa zona pobre de prostituição, a clientela é constituída por trabalhadores com fracos recursos económicos. O preço da prática sexual está de acordo com o seu poder de compra, e, por isso, é pouco exigente no que diz respeito à aparência da mulher e ao seu comportamento. Há oscilações na procura, esta é intensa no princípio e no fim de cada mês, que é quando o cliente recebe o salário, vai diminuindo nos restantes dias.

Num hotel ou bar de luxo, o cliente tem poder económico. É exigente quanto à oferta: a maneira de se vestir e de se comportar da mulher, adapta-se à origem social do cliente. Não há oscilações na procura. Existe durante todo o mês.

A relação entre a mulher e o cliente é uma relação mercantil, o pagamento da prática sexual introduz a desculpabilização, o não compromisso, a desresponsabilização. Afasta qualquer afecto. O cliente pode assim entregar-se às suas fantasias, à sua realidade interior - à sua, não à dela - sem ter que se preocupar com o que ela sente, pensa ou deseja. Se aparenta fazê-lo, é apenas porque lhe convém dar à situação uma aparência de realidade. Mas o facto de o fazer “a fingir” não o compromete. Terminado aquilo que o contrato inicial previu, os dois intervenientes na situação separam-se, frequentemente o mais depressa possível. Não devem mais nada um ao outro... o dinheiro lá está para pôr os sentimentos à distância.

A prostituição diz sempre respeito à sexualidade:

- À do cliente, porque apesar das aparências de ser ele quem usufrui, não é compensador comprar a utilização do sexo de outra pessoa;
- À do proxeneta, pois é humanamente destruidor viver reduzindo a vida das pessoas a uma exploração financeira da sua intimidade;
- E à da pessoa que se prostitui, a mais marcada por esta redução, através do dinheiro, ao estado de objecto.

Estamos perante o sexo separado de todo o significado humano, sexo/objecto. Compete-nos pôr as nossas dúvidas em relação a esta banalização do sexo, porque é muito aquilo que se joga, ao recusar-se dissociar sexo (objecto de prazer), do sexo (órgão de reprodução) e do sexo (meio de exprimir o amor).

E falando de afecto, as mulheres prostitutas, elas também tentam amar e ser amadas.

Trata-se de uma dinâmica profunda segregada pela sociedade mercantil, da qual o capitalismo é a forma actualmente dominante. Este sistema não produziu ainda um antídoto, um “contra-veneno” que nos permitisse passar do dinheiro, como equivalente de todo o valor, para o dinheiro, como equivalente unicamente de alguns valores.

Todos estes actos íntimos que contêm uma outra ordem de valores, são rebaixados a um nível único - ao de um valor mercantil. Trata-se de uma perversão inaceitável que legitima que nos batamos contra a prostituição e o proxenetismo.

O Cliente

“ A sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual.

A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia a nossa saúde física e mental” OMS.

Integrada numa relação afectiva, a sexualidade é vivida de uma forma responsável, partilhada, em igualdade, cimentando uma relação estável.

Na prostituição todos estes actos íntimos são rebaixados a um nível único – ao de um valor mercantil. A sexualidade é vivida como uma procura de prazer à custa do outro. É uma forma de violência.

“ É uma forma de escravatura”.

“ A prostituição de mulheres e de crianças é uma forma de escravatura incompatível com a dignidade da pessoa humana e com os seus direitos fundamentais” (ONU).

A sexualidade é a construção de um desejo humano reivindicando a sua liberdade não apenas para manter a espécie humana, mas também para obter prazer na fusão dos corpos através do qual homens e mulheres afirmam a sua participação no mundo.

A ameaça, que o vírus da SIDA constitui para a saúde pública, acentua, o conflito existente entre aqueles que defendem a ordem sexual e aqueles que insistem na livre escolha dos parceiros fora da disciplina social ou religiosa.

O contágio poderia teoricamente estar limitado se os drogados, os homossexuais, as pessoas prostitutas estivessem isoladas e se as relações sexuais fossem manipuláveis como processos previsíveis e planificados, mas o vírus não é pertença de grupos de risco como no início se acreditava, mas de comportamentos de risco.

É a questão social e ética que a SIDA coloca. A SIDA pode constituir um desafio às liberdades individuais e às liberdades públicas e a ameaça representada pelo VIH para a sociedade pode ser um pretexto para o moralismo, e o moralismo transporta consigo a exclusão, a discriminação condenação, o ostracismo.

Aqueles que defendem a criação de zonas vermelhas ou locais delimitados para a prática da prostituição considerando-a um trabalho, certamente não estão conscientes da carga moralizante e da violência que a sua atitude encerra.

Retoma-se novamente no século XXI, o rastreio das pessoas que se prostituem em nome da saúde pública, defendendo inconscientemente a ordem sexual estabelecida, como se as relações sexuais devessem ser previsíveis e planificadas.

A prostituição é hoje travestida, buscando argumentos do passado para perpetuar comportamentos e mentalidades em relação à condição da mulher.

O Cliente

Mulheres prostituídas defendem o reconhecimento da prostituição em nome “do direito fundamental de dispor do seu próprio corpo”. Mas não dizem que a reclamação desse direito é-lhes incutida pelo proxenetismo organizado, pelas máfias criminosas que as empurram e as obrigam a “dar a cara” porque objectivamente querem ser legalizados como industriais do sexo e não serem perseguidos como redes do crime organizado. Legalizando a prostituição, automaticamente as redes criminosas ficam de mãos livres.

Dizem mulheres que conseguiram libertar-se das amarras da prostituição:

“ O nosso corpo não nos pertence. Está sujeito à vontade do chulo (proxeneta) e ao desejo do cliente”

Através da análise de histórias de vida, podemos sistematizar um conjunto de factores que ajudam a compreender as múltiplas e complexas causas conducentes à prostituição de uma mulher:

- Filha de trabalhadores rurais, operários da construção civil, desempregados, analfabetos ou semi-analfabetos;
- Família numerosa, cinco, sete, oito irmãos ou mesmo mais;
- Pai ou mãe ausente e mesmo os dois;
- Fome na infância;
- Trabalho infantil - tomar conta dos irmãos mais novos, ajudar pai ou mãe no campo “ servir em casa alheia”, trabalho em fábricas;
- Habitação sub-humana;
- Alcoolismo do pai ou do pai e mãe;
- Desagregação familiar;
- Abandono, maus tratos, violência;
- Desamor / carências afectivas;
- Baixo rendimento escolar, frequência da escola sem conclusão do 9º ano;
- Relação sexual precoce em muitos casos por violação e /ou incesto;
- Gravidez precoce;
- Solidão;
- Ignorância;
- Desemprego;
- Falta de formação profissional;
- Frequência de internatos na infância e /ou adolescência.

Estes factores conjugados entre si parecem concretizar as causas da prostituição, da maioria das pessoas prostituídas.

Legalizar a prostituição é conceder ao homem um poder legítimo de comprar o sexo a outros seres humanos.

Legitima-se a prostituição como um sistema de dominação pela normalização da mercantilização dos sexos e dos corpos.

O Cliente

Nesta lógica, centrar-se apenas no combate ao tráfico de mulheres legalizando a prostituição, é não compreender que o proxenetismo é inerente à prostituição e não se pode pensar na prostituição como um acto individual de uma pessoa que aluga o seu sexo por dinheiro, mas sim como um sistema económico, social e político que torna crianças, jovens, mulheres e homens prisioneiros de um sistema cruel de exploração sem limites.

É necessário combater as causas da prostituição e o tráfico, senão, permitam-nos a analogia, é como deixar de lutar contra a escravatura e o sistema esclavagista, para lutar, apenas, contra o tráfico de escravos.

Segundo a ONU:

Quatro milhões de mulheres e de raparigas são anualmente compradas em todo o mundo. Calcula-se que todos os anos, cerca de 200 mil mulheres provenientes de países de Leste caem nas mãos de proxenetas europeus.

A Liga Feminina de Kiev afirma que “ nos últimos anos 100 mil ucranianas foram vítimas de redes criminosas da indústria do sexo” (Le Monde Diplomatique).

Segundo a Interpol “ o negócio da exploração sexual entre os dois lados da Europa (Ocidental e de Leste) está em plena explosão”.

Na Polónia a prostituição estrangeira concentra-se nos grandes eixos que conduzem à Alemanha.

Na Bulgária, cerca de 10 mil raparigas caíram nas malhas dos proxenetas.

Desenvolve-se um autêntico mercado de escravas (segundo a Associação Animus).

Os traficantes romenos leiloam ucranianas, moldavas, romenas, búlgaras, russas. Despidas, exibidas, são compradas, por cerca de mil marcos (511,3 €uros) por proxenetas que as violam antes de as fazer seguir para outros países.

Uma rapariga caída nas mãos de um proxeneta, passa dois meses numa casa de passe. É depois vendida por 2.500 dólares (2.709 €uros) a outro proxeneta ainda mais brutal que o primeiro.

Uma jovem foi vendida dezoito vezes.

As mulheres são reduzidas à escravatura.

Existem autênticos campos de sujeição onde as raparigas são violadas, domadas.

No total, a prostituição poderá representar um volume de negócios entre os 5 mil milhões de dólares e 7 mil milhões de dólares (entre 5,4 e 7,6 mil milhões de Euros). Segundo a

O Cliente

Interpol uma mulher prostituta consegue entregar anualmente 107 mil €uros ao seu proxeneta.

Uma mulher tem entre 15 a 30 clientes por dia, porque é suposto entregar entre 457 e 914 €uros se não quiser ser espancada.

Em Paris a prostituição gera um volume de negócios anual avaliado em 3 milhões de €uros.

“ O negócio da prostituição é um negócio muito menos perigoso do que o tráfico de droga, porque não existe nenhum quadro jurídico internacional para combatê-lo” (Gerard Stoudman, da Organização para a Cooperação e a Segurança na Europa - OSCE).

A causa do recurso à prostituição é sobejamente conhecida: a miséria.

A maioria das mulheres espera ganhar dinheiro suficiente para regressar ao seu país e ajudar as famílias a sobreviver.

Três quartos delas nunca se tinham prostituído antes.